



TEMA: C – MODELOS DE URBANIZAÇÃO NOS ESPAÇOS DA LUSOFANIA

ACUPUNTURA URBANA: reflexões sobre grandes intervenções urbanas



Gallo, Douglas¹



Santos, Fábio²

(¹Arquiteto e Urbanista, doutorando em Urbanismo – PROURB/UFRJ, Docente no Instituto Federal de São Paulo, douglas.luciano@yahoo.com.br, ²Historiador, mestre em Relações Internacionais pela Université D'Aux-Marseille-I, fabiofrancesilva@yahoo.com.br)

Resumo:

O termo acupuntura urbana toma emprestada a ideia da tradicional e milenar prática oriental, que busca a recuperação do organismo como um todo pela indução de processos regenerativos e normalização das funções alteradas, mediante a intervenção em pontos determinados e precisos. Desta forma o conceito, dentro da ecologia urbana, combina o desenho urbano mediante ações pontuais e de revitalização que poderiam mudar progressivamente a "vida" na cidade. O presente trabalho realiza uma reflexão sobre algumas grandes intervenções urbanas realizadas nas cidades contemporâneas brasileiras, especialmente para os megaeventos da Copa 2014 e das Olimpíadas 2016, discutindo seu potencial na melhoria da cidade como um todo ou como geradora de gentrificação. A análise toma a fenomenologia como referencial metodológico, buscando construir

uma discussão dialética. Gentrificação é um processo resultante de projetos de revitalização que alteram as características do lugar criando novas fronteiras urbanas, após investimentos em infraestruturas observa-se que os antigos moradores não resistem ao encarecimento do local, levando à transformação do perfil dos moradores na área. Observa-se que os megaeventos são "vendidos" como uma chance de transformação das cidades-sede, mascaradas por um discurso de melhorias na paisagem urbana e geração de empregos. No entanto escondem um lado perverso, do capital imobiliário, que ao selecionar displicentemente lugares desvalorizados geram uma mais valia importante. É importante lembrar que a ideia de acupuntura urbana valoriza, por outro lado, pequenas intervenções, e que estas devam ser bem pensadas e planejadas, para assim poderem gerar processos de transformação holísticos, integrando os moradores locais aos novos espaços revitalizados. Analogamente à prática terapêutica, não é em qualquer ponto do corpo que se aplicam as agulhas, mas nos pontos estratégicos, ligados aos meridianos energéticos específicos, agindo assim nestes canais. Da mesma forma, acredita-se que as intervenções pontuais, bem pensadas, por e para a coletividade, deva ser mais interessante do que as grandes intervenções que vem sendo efetivadas.

Palavras-chave: Acupuntura urbana, cidade contemporânea, espaços públicos, intervenções urbanas, história urbana

1. Introdução

Após anos de abandono e de projetos não executados a área portuária do Rio de Janeiro veio ganhando destaque no cenário de preparação para os grandes eventos (Copa do Mundo de Futebol e especial os Jogos Olímpicos e Paralímpicos). A área em questão sempre foi um espaço potencial para investimentos, devido seu grande estoque imobiliária, acessibilidade e proximidade à região central da cidade. Em 2009 a prefeitura da cidade lançou o projeto de revitalização Porto Maravilha, fundamentado na preparação dos megaeventos que a cidade realizaria.

Este projeto foi legalmente constituído como uma Operação Urbana Consorciada, englobando principalmente os bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo, além de partes do Centro e Caju, promovendo a reestruturação urbana local.

O tema da conservação urbana tem ganhado espaço, juntamente com novos parâmetros voltados à gestão urbana nas últimas décadas, crescendo as recomendações internacionais e nacionais. As modificações ocorridas na morfologia de várias cidades do mundo, nas últimas décadas, bem como o entendimento da dificuldade de investimento e planejamento a longo prazo, traz o interesse em discutir as intervenções pontuais, como na acupuntura urbana, com os grandes projetos, muitas vezes relacionados ao *city marketing*, uma vez que a diferenciação cultural que o projeto de revitalização do Porto Maravilha procura produzir uma imagem emblemática, uma espécie de marca da cidade.

As políticas e projeto urbanos atuais tem grande preocupação na produção da imagem da cidade como identidade própria, onde, por um lado, a imagem que se vende tem uma distinção e, por outro, a busca pela atração e/ou atenção internacional, az com que a cidades fiquem ainda mais parecidas. Grandes projetos de grandes nomes da arquitetura mundial se multiplicam e podem ser encontrados em várias partes do mundo.

C – MODELOS DE URBANIZAÇÃO NOS ESPAÇOS DA LUSOFANIA

A ideia de confrontar essas grandes intervenções no espaço urbano com o conceito de acupuntura urbana surgiu de inquietações e questionamentos em relação à paisagem cultural que tem resultado das intervenções em questão no espaço público.

É impossível não questionar-se também sobre processos de gentrificação desses espaços. Se a cidade é produzida pelo capital e pela mais valia urbana, e estes espaços ociosos, como no caso da área portuária, representam grande reserva de mercado, é ingenuidade imaginar que a especulação imobiliária não vá se apropriar do espaço e trazer consigo uma gentrificação, ainda mais numa área com forte apelo paisagístico e turístico.

2. Acupuntura Urbana

Na medicina tradicional chinesa acupuntura é o conhecimento teórico-empírico que visa à terapia e à cura das doenças através da aplicação de agulhas e de moxas em pontos determinados do corpo. A técnica visa à normalização dos órgãos doentes por meio de um suporte funcional que exerce efeito terapêutico, levando ao equilíbrio das energias [1].

Embora não concordemos totalmente com a analogia do corpo humano com a cidade, façamos uma análise para entender como o conceito de Acupuntura Urbana expresso por Jaime Lerner [2] pode ser entendido. O corpo é formado da união de células que dão origem aos tecidos e órgãos, estes por sua vez se associam entre si e colaboram para preservar as funções de locomoção, digestão, defesa, respiração etc. As conexões entre os diversos sistemas é feita pelo sistema nervoso, responsável por coordenar e regular todas as funções e respostas do organismo aos estímulos do meio.

Se a função do sistema nervoso é adequada, ela preserva a adaptação e a saúde do organismo. Sob sua direção o organismo é capaz de prover vários mecanismos de compensação, por isso um sistema nervoso em boas condições é capaz de reagir a lesões com reações compensatórias.

A metáfora da cidade como um organismo vivo foi muito utilizada pelos sanitaristas e higienistas do espaço urbano no século XIX. Amparados pelo pensamento médico, acreditavam que os danos dos ares viciados pelas grandes densidades populacionais contribuiriam para a propagação de doenças contagiosas [3].

Um dos primeiros pensadores a vincular a cidade à metáfora do organismo foi Claude de Saint Simon (século XIX), para ele a cidade é um organismo vivo permeado por redes que o alimentam e o mantêm em funcionamento. Esta construção teórica entende que existem uma rede material composta pelas trocas de energia e matéria prima e uma rede espiritual formada pelo fluxo financeiro [4].

Se considerarmos a cidade como um organismo vivo, dotada assim de uma energia vital, a analogia de Lerner pode ter um sentido. Para o autor, o princípio de recuperar a energia de um ponto doente ou cansado por meio de um simples toque tem a ver com a revitalização deste ponto e da área ao seu redor. Cutucar uma área de tal maneira que ela possa ajudar a curar, melhorar, criar reações positivas e em cadeia. São vários os exemplos de cidades inovadoras que passaram por tal processo, o qual foi um começo, um despertar, fazendo a cidade reagir [2]. A reciclagem da Cannery em São Francisco, o Parque Güel em Barcelona, o Centro Pompidou em Paris, o Museu Guggenheim em Bilbao, a restauração da Grand Central Station em Nova York, a Pirâmide do Louvre em Paris, a recuperação de Porto Madero em Buenos Aires, o Museu do Holocausto em Berlim, o conjunto da Pampulha em Belo Horizonte e a Ópera de Arame em Curitiba.

O conceito de Acupuntura urbana é o de que pequenas intervenções na cidade são capazes de gerar melhoria nas mesmas (figura 1). O conceito faz parte da ecologia

urbana e combina desenho urbano com a tradicional teoria medica chinesa. A proposta contribui principalmente para o desenvolvimento sustentável, uma vez que o planejamento urbano toma tempo e precisa de tempo, essas intervenções pontuais criariam uma nova energia na tessitura urbana auxiliando a sarar a “dor/” de forma instantânea, eficaz e funcional. Esse conjunto de ações pontuais e de revitalização poderiam mudar progressivamente a vida na cidade.



Figura 1 - Imagem metafórica da acupuntura urbana

Fonte: <https://siagutatemp.wordpress.com/2015/04/08/acupuntura-urbana-arquitetura/>

Segundo Lerner [2], atualmente as cidades do mundo apresentam problemas semelhantes, e os três principais desafios são a mobilidade, a sustentabilidade e a tolerância à sociodiversidade. O planejamento deve ser um ato contínuo na vida das cidades, para que haja equilíbrio entre estes fatores é preciso mesclá-los, uma vez que quanto mais elementos relacionados a essas questões estiverem em jogo, melhor a cidade será. Desta forma aumentará o contato entre as pessoas e a diversidade, contribuindo para que os espaços se tornem mais humanizados.

A cidade como uma relação de funções, de renda, de idade, precisa de diversidade e mistura para ser mais humana e tolerante, evitando os guetos de gente rica ou de gente pobre [2].

Ao olhar para o tecido urbano como um organismo vivo, a acupuntura urbana tem como objetivo principal diminuir o estresse no ambiente urbana por meio de pequenas interações corretivas, é um passo adiante da obra arquitetônica no entendimento coletivo da cidade. A cidade é vista como um núcleo multi-dimensional da energia e do corpo sensorial, e a conexão palpável da natureza humana como parte da Natureza. Busca-se alterar assim a “energia” vital da cidade, recolocando-a num bom fluxo energético.

Algumas boas soluções focadas na acupuntura urbana são os espaços verdes, como parques, praças, áreas de lazer, coberturas verdes, jardins verticais e fachada verdes. Deve-se pensar nos fluxos e nas funções dos espaços construídos, procurando gerar e estimular sociabilidades.

3. Intervenções urbanas e gentrificação

A reabilitação de áreas centrais transformou-se em uma estratégia de desenvolvimento urbano que conduz ao aprofundamento das desigualdades sociais e espaciais, ao

C – MODELOS DE URBANIZAÇÃO NOS ESPAÇOS DA LUSOFANIA

associal políticas públicas e capital imobiliário, utilizando o discurso oficial de agir para o bem de todos, pratica o poder em nome do interesses de classes dominantes em relação às dominadas [5].

As intervenções urbanas em centros históricos desempenham papel estratégico, tanto no que se refere à melhoria da qualidade de vida urbana de seus moradores e usuários, como em relação à criação de novas condições econômicas capazes de geral desenvolvimento local, sendo ambas as características importantes para a sustentabilidade da preservação do patrimônio histórico [6].

O termo gentrificação é um neologismo anglófilo (*gentrification*), criado por Ruth Glass para descrever o processo de substituição de moradores de antigos bairros desvalorizados do centro de Londres por famílias de classe média. A gentrificação tornou-se a forma dominante do urbanismo contemporâneo, assim como a política urbana das grandes cidades ocidentais, articulando parcerias financeiras público privadas [5].

No final do século XX a gentrificação passou a ser uma estratégia urbana global, formando uma aliança concertada e sistemática do urbanismo público e do capital, privado e público. Ao ocupar o vazio deixado pelo retraimento das políticas urbanas progressistas do passo foram sistematicamente afetadas pela crise econômica dos anos setenta e pelos governos conservadores dos anos oitenta [7].

Ao tratar de projetos de reabilitação de áreas centrais, Ermínia Maricato [8] reconhece que a contenção do processo de valorização que gera a especulação é tarefa difícil e necessária se se deseja agir na direção da justiça social na cidade. A garantia do direito à cidade para os mais pobres é um desafio no Brasil.

Os programas de reabilitação urbana desenvolvidos ao longo da segunda metade do século XX na Europa pretendiam servir de guia para solucionar uma série de problemas das cidades. Desta forma a disciplina urbanística adquire uma vital importância dentro de um problema multidisciplinar, que abarca fatores sociológicos, econômicos e políticos. Alguns exemplos paradigmáticos de reabilitação urbana neste período foram: Kreuzberg em Berlim, o Centro Histórico de Bolonha (figura 2), Le Marais em Paris, Fener e Balat em Estambul (figura 3), Mouraria em Lisboa e Lavapés em Madrid (figura 4) [9].



Figura 2 - Exemplos de reabilitação urbana: Kreuzberg em Berlim e Centro Histórico de Bolonha



Figura 3 - Exemplos de reabilitação urbana: Le Marais em Paris, Fener e Balat em Estambul



Figura 4 -- Exemplos de reabilitação urbana: Mouraria em Lisboa e Lavapés em Madrid

4. Rio de Janeiro e o Porto Maravilha

A zona portuária do Rio de Janeiro abrange os bairros Gamboa, Saúde, Santo Cristo e Caju. O seu desenvolvimento ocorreu através de um processo longo e gradativo, caracterizado por desmonte de morros e aterros de áreas alagadas. Até o final do século XVII, a ocupação da cidade estava circunscrita a um quadrilátero formado pelos Morros do Castelo, Santo Antônio, São Bento e Conceição. A zona portuária situava-se fora desse perímetro, tinha uma ligação precária com a malha urbana principal e era considerada periferia da cidade.

Em 1763, o Rio de Janeiro tornou-se a capital do Brasil Colônia, o processo de urbanização acelerou-se enormemente e a cidade expandiu-se para a direção norte. O crescimento da atividade portuária propiciou a ocupação dos morros e planícies de toda a área e a formação dos bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo. Essa região conhecida como “Pequena África” era considerada a parte mais velha, decadente e pestilenta da cidade. Era o lugar dos escritórios de corretores de escravos, armazéns depósitos para negros e oficinas e tabernas.

Em 1808 com a vida da família real portuguesa para o Brasil permitiu a abertura dos portos para as nações amigas, expandindo as atividades portuárias. O processo de urbanização da região se acelerou com a construção de trapiches, manufaturas, casas de fundições etc.

O início do século XX, após a abolição da escravidão e a proclamação da República, representou grandes mudanças no país, um crescimento rápido da população urbana e

C – MODELOS DE URBANIZAÇÃO NOS ESPAÇOS DA LUSOFANIA

deterioração das condições de moradia. Porém após as grandes transformações do início do século, poucas mudanças ocorreram durante a primeira metade do século XX. Ao longo dos anos, várias propostas de renovação urbana foram apresentadas para a região, mas poucas se concretizaram [5].

A área portuária também sofreu o esvaziamento populacional que caracterizou a região central da cidade (Figura). As causas desse processo abrangem desde a campanha higienista do século XIX até os anos 1970 quando uma lei municipal proibiu novas construções para uso residencial na área central da cidade por um período de quase vinte anos [5].

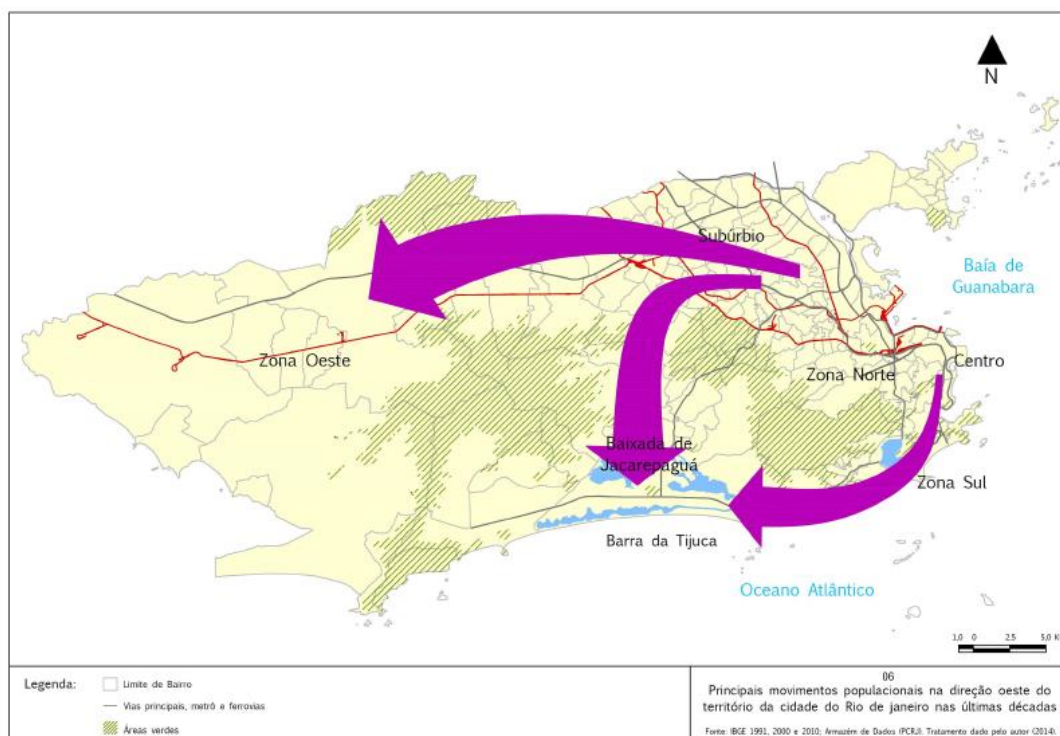


Figura 5 - Principais movimentos populacionais provocando esvaziamento da região central e portuária

Fonte: Barandier, 2015

O projeto Porto Maravilha situado na zona portuária do Rio de Janeiro é uma das intervenções urbanas que fazem parte do pacote de grandes obras anunciadas e justificadas pelos governos como exigências para a realização dos megaeventos esportivos da cidade (Copa Mundial de Futebol, 2014 e Jogos Olímpicos e Paralímpicos, 2016). Em decorrência dessas operações urbanas, uma grande quantidade de remoções afetaram famílias pobres que viviam há anos na Zona Oeste e na área central da cidade, onde denúncias sobre a violação dos direitos humanos e à moradia poderiam exemplificar o processo de gentrificação dessas áreas da cidade [5]. No Rio de Janeiro o planejamento urbano de longo prazo tem sido sistematicamente negligenciado. A Operação Urbana Consorciada Porto Maravilha se configura como um instrumento para viabilizar ações do “aqui e agora”, onde a realização de negócios são mais importantes que o espaço urbano a ser construído. A relação entre a Operação Urbana Consorciada Porto Maravilha e o Plano Diretor do Rio de Janeiro expressa bem esse quadro. O grande potencial construtivo e as obras e infraestruturas instaladas na região possuem dois cenários imaginados por Barandier [10]: ou seriam subutilizadas e com isso a Caixa Econômica Federal que subsidiou os investimentos não obterá o

rendimento esperado ou a operação realmente se viabilizará e o potencial construtivo adicional se realizaria plenamente, gerando um outro problema, gerando um desastre urbanístico enorme, uma vez que a densidade admitida na área é altíssima e baseada em empreendimentos não residenciais. Embora tenham havido grandes transformações, as incertezas quanto ao destino da área portuária ainda são grandes.

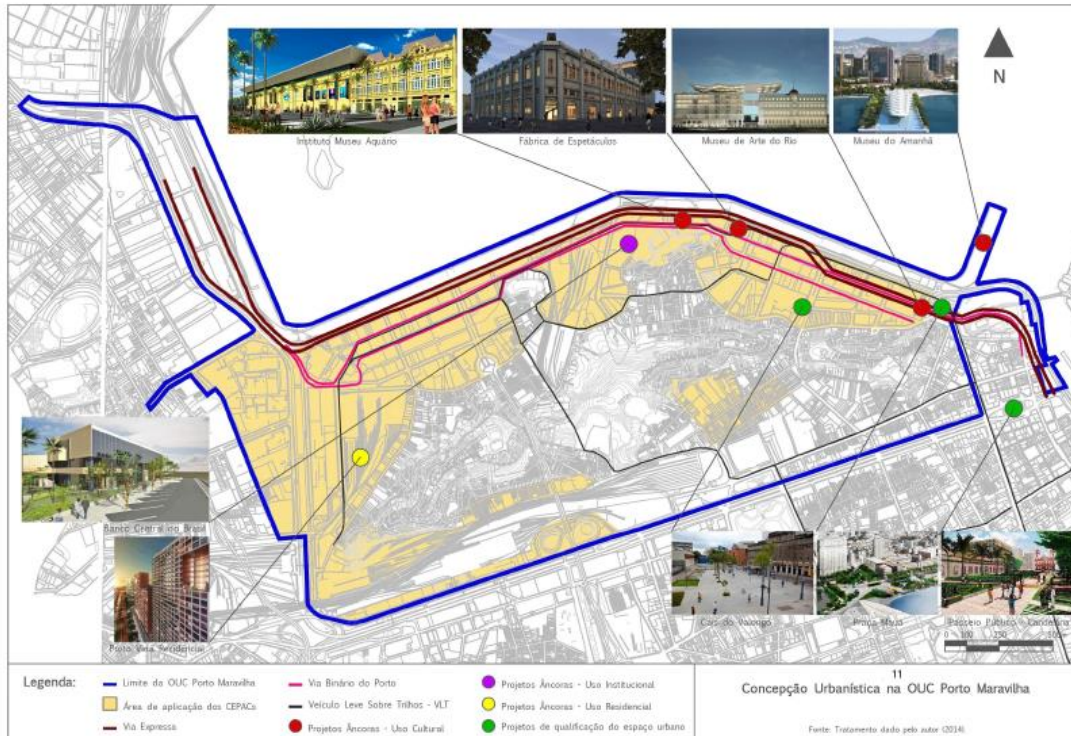


Figura 6 - Concepção urbanística na Operação Urbana Consorciada Porto Maravilha
Fonte: Barandier, 2015

O período que precedeu os grandes eventos, sem dúvida, foi um período de realização de muitas obras na cidade do Rio de Janeiro, no entanto do ponto de vista urbanístico, as opções políticas se deu claramente pela região da Barra da Tijuca, ainda que nem todas as intervenções sejam localizadas nessa região (figura 7). De acordo com as informações disponibilizadas sobre os projetos em implementação direta ou indiretamente associados aos Jogos Olímpicos, os investimentos se organizaram em duas categorias: projetos olímpicos municipais e plano de políticas públicas. O primeiro são aqueles diretamente ligados aos jogos, como arenas e estádios, já o segundo envolve as ações das três esferas de governo e não são diretamente vinculadas ao evento olímpico, mas que foram concretizados graças à realização dos jogos (infraestruturas).

C – MODELOS DE URBANIZAÇÃO NOS ESPAÇOS DA LUSOFANIA

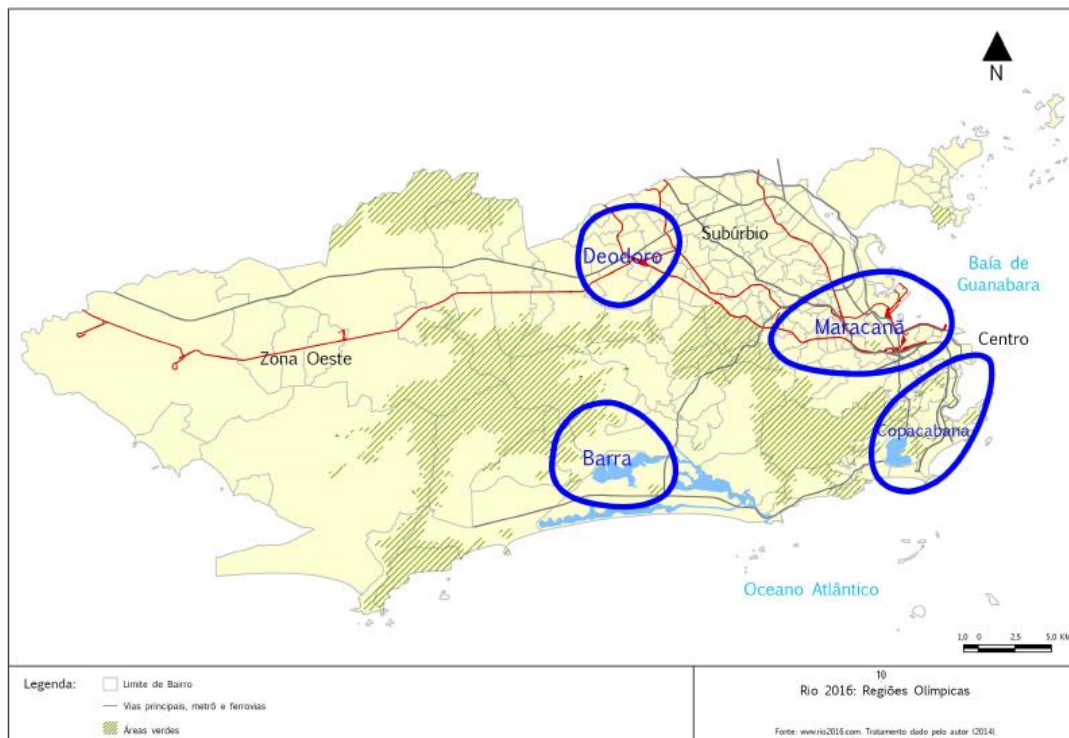


Figura 7 - Regiões de intervenções urbanas para os Jogos Olímpicos de 2016
Fonte: Barandier, 2015

5. Conclusões

Observa-se que os megaeventos são "vendidos" como uma chance de transformação das cidades-sede, mascaradas por um discurso de melhorias na paisagem urbana e geração de empregos. No entanto escondem um lado perverso, do capital imobiliário, que ao selecionar displicentemente lugares desvalorizados geram uma mais valia importante.

É importante lembrar que a ideia de acupuntura urbana valoriza, por outro lado, pequenas intervenções, e que estas devam ser bem pensadas e planejadas, para assim poderem gerar processos de transformação holísticos, integrando os moradores locais aos novos espaços revitalizados. Analogamente à prática terapêutica, não é em qualquer ponto do corpo que se aplicam as agulhas, mas nos pontos estratégicos, ligados aos meridianos energéticos específicos, agindo assim nestes canais. Da mesma forma, acredita-se que as intervenções pontuais, bem pensadas, por e para a coletividade, deva ser mais interessante do que as grandes intervenções que vem sendo efetivadas.

Referências Bibliográficas

- [1] Wen, TS. "Acupuntura Clássica Chinesa", São Paulo, Editora Cultrix, 1985.
- [2] Lerner, J. "Acupuntura urbana", Rio de Janeiro, Editora Record, 2015.
- [3] Possamai, ZR, Metáforas visuais da cidade, "Urbana, 2(2), 2007.

- [4] Lemos, A, “Cidade-ciborgue. A cidade na cibercultura”, FACOM/UFBA, disponível em < <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/cidadeciborgue.pdf>>, acesso em 10 setembro de 2016.
- [5] Galiza, HRS. Reabilitação de áreas centrais sem gentrificação. Rio de Janeiro, UFRJ/FAU, 2015
- [6] Bonduki, N. Intervenções Urbanas na Recuperação de Centros Históricos, Brasília, Iphan/Monumenta, 2010.
- [7] Smith, N. A gentrificação generalizada: de uma anomalia local à “regeneração” urbana como estratégia urbana global. São Paulo: Annablume, 59-87, 2006.
- [8] Maricato, E. Reabilitação de centros urbanos e habitação social. Rio de Janeiro, Petrópolis, Vozes, 125-151, 2002.
- [9] Segado-Vázquez, F; Espinosa-Muñoz, V. La ciudad herida. Siete ejemplos paradigmáticos de rehabilitación urbana en la segunda mitad del siglo XX, “Eure”, 41(123), 103-129, 2015.
- [10] Barandier, HG, Negligência urbanística e projeto urbano na cidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, UFRJ/FAU, 2015.

Notas Bibliográficas e fotografias

Douglas Gallo: Arquiteto e Urbanista, mestre em Saúde Coletiva (bolsa CAPES) e doutorando em Urbanismo (bolsista CAPES) onde desenvolve projeto de tese estudando a Qualidade de Vida Urbana e as relações entre Políticas Públicas, Promoção da Saúde e Cidades Saudáveis. É professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, campus Registro (IFSP) e líder do Grupo de Pesquisa cadastrado junto ao CNPq – VivaCidades: estudos em habitação, espaços públicos e cidades.

Fábio Santos: Historiador, mestre em Relações Internacionais e pesquisador independente.